

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA  
EDUCAÇÃO BÁSICA

Luciana Chaves de Aguiar Pacheco

TRABALHANDO COM AS AFRICANIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS  
DA OBRA DE CÂNDIDO PORTINARI E DA LITERATURA.

Belo Horizonte  
2012

LUCIANA CHAVES DE AGUIAR PACHECO

TRABALHANDO COM AS AFRICANIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS  
DA OBRA DE CÂNDIDO PORTINARI E DA LITERATURA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica (LASEB) da Faculdade de Educação da UFMG, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Relações Étnico Raciais.

Orientadora: Professora Maria José Batista Pinto

Belo Horizonte  
2012

LUCIANA CHAVES DE AGUIAR PACHECO

TRABALHANDO COM AS AFRICANIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS  
DA OBRA DE CÂNDIDO PORTINARI E DA LITERATURA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica (LASEB) da Faculdade de Educação da UFMG, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Relações Étnico Raciais.

Orientadora: Professora Maria José Batista Pinto

Aprovado em .....

BANCA EXAMINADORA

---

Nome orientador – Faculdade Educação da UFMG

---

Nome do convidado – Instituição a que pertence

Dedico este trabalho a Deus, por ter me concedido a oportunidade de estudar e aprender cada vez mais com a pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente quero agradecer a Deus pela oportunidade de crescimento.

Agradeço a minha família pela paciência e compreensão.

E agradeço aos meus professores, pelos conhecimentos adquiridos.

O silêncio é uma forma de linguagem, uma escolha, uma resposta e fala por si.

Luciana chaves

## RESUMO

Este trabalho consiste em uma estratégia para a implementação da lei 10.639/03 na Educação Infantil por meio da literatura. A proposta realizou-se em uma escola da rede municipal de Belo Horizonte com seis professoras e seis turmas de alunos com faixa etária de 03 a 05 anos de idade.

O objetivo foi de sensibilizar os professores e alunos para uma maior aproximação e reconhecimento da diversidade sócio cultural existente em nossa sociedade, focando as relações étnico-raciais. Para isso realizamos um diagnóstico por meio de um questionário para conhecer as impressões das professoras sobre a questão étnico racial na escola. Seguimos a ação através de uma caixa literária composta por livros selecionados pelos alunos. Esta caixa visitou as seis turmas do turno da tarde da Escola e nestas visitas os alunos e professores foram convidados a explorar os livros e trabalhá-los de acordo com o contexto de cada grupo. Os alunos demonstraram interesse e curiosidade pelos livros e quiseram muitas vezes conhecer até mais de uma história e tiveram um momento para apreciação de todos eles em sala. Nas rodas de conversa disseram o que gostaram e o que não gostaram nos livros. Ao desenvolver a proposta de trabalho nas salas foi possível perceber grande receptividade por parte dos professores. O trabalho foi desenvolvido tendo como pressuposto a importância de iniciar a discussão da lei 10.639/03 na Educação Infantil.

Contudo, o plano de ação se estendeu até novembro culminando com a exposição no centro cultural da região Barreiro. Acredito que a criação do plano foi provocativa e expôs as várias formas de abordar o tema da lei 10.639/03 na Educação Infantil.

Os alunos tiveram novas histórias a descobrir por meio de uma ação sistemática com a caixa contendo outros livros que expressam formas de entender e compreender as africanidades existentes em nosso país e fora dele.

**Palavras-chave:** Africanidade; Relações étnico-raciais; Educação Infantil.

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho apresenta os resultados e análise de uma ação pedagógica na qual buscamos sensibilizar professores e alunos de uma escola de educação infantil para uma maior aproximação e reconhecimento da diversidade sócio cultural existente em nossa sociedade, focando as relações étnico-raciais.

Ele foi desenvolvido em escola municipal de Belo Horizonte que funciona em dois turnos e teve como foco os alunos e professoras do turno da tarde no qual são atendidos à faixa etária entre 3 à 5 anos de idade. Foram atendidos seis turmas de alunos sendo que duas turmas de três anos possuía a quantidade de dezesseis alunos cada, duas turmas de 4 anos com vinte dois alunos em cada e vinte cinco alunos em cada uma das duas turmas de 5 anos. Dessa forma, foram atendidos um total de cento e vinte seis alunos e seis professoras, sendo uma delas coordenadora do turno.

Partimos da consideração de que a relação étnico-racial constituía um ponto de dificuldade no que se refere ao cotidiano do currículo escolar. Essa ausência de um tema tão importante que compõe nossa identidade e nossa história justificou a lei 10. 639/03 que, tornou obrigatório o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira na educação. E na escola de educação infantil a dificuldade de se trabalhar com o tema é maior, isso devido a crença de que os alunos pequenos não vêem diferenças e não sofrem ou adquirem posturas racistas na educação infantil.

Gomes (2006) vem nos dizer que, a África e a questão racial brasileira continuam invisíveis na grande maioria das grades curriculares dos cursos de graduação e pós-graduação, sobretudo na área da educação; o que dizer então da Educação Básica e da Educação Infantil?

Nesse sentido, com o objetivo de discutir essa temática com o corpo docente e com os alunos da Escola verificou-se a necessidade de apresentar uma ação educativa que permitissem incentivá-los a conhecer mais este tema que é exigência curricular e, de suma importância para as crianças. Este plano foi criado para concretizar um trabalho que ia além das datas comemorativas e eventos na Escola. Dada a grande riqueza literária que nos permitia tratar a cultura Afro-Brasileira presente no acervo da escola buscamos construir o plano de ação “Trabalhando as

Africanidades na Educação Infantil através da obra de Cândido Portinari e da literatura.” Esse plano foi apresentado e desenvolvido com as professoras e crianças do período da tarde por meio de uma caixa de histórias com uma diversidade textual que ficou a disposição de cada turma durante 2 dias, para que eles pudessem escolher quais histórias gostariam de ler, descobrir curiosidades, produzir conhecimento e criar formas artísticas através do que compreenderam.

A proposta foi aplicada entre os meses de setembro a novembro de 2011, na qual foi avaliada por meio de observações, fotos, produção dos alunos e avaliação individual de cada professora sobre o trabalho através de um questionário e conversa em sala com as crianças. Toda produção artística teve um momento de apreciação por parte de toda comunidade no mês de novembro, quando foram expostas no Centro Cultural da Região Barreiro.

Desde o plano até a ação propriamente dita contamos com a colaboração da direção e coordenação da escola além dos professores e o acompanhamento sistemático do curso de pós-graduação LASEB, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Aqui apresentamos a sistematização deste trabalho discorrendo sobre a caracterização do contexto, do público, a metodologia e o desenvolvimento do trabalho, seus referenciais assim como os resultados e análises alcançados.



## SUMÁRIO

1. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO E DO PÚBLICO CAMINHOS PERCORRIDOS.....	10
1.1 LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA E HISTÓRIA DO BAIRRO .....	10
1.2 CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS E DO CORPO DOCENTE ESCOLAR .....	11
1.3 SELEÇÃO DOS SUJEITOS PARA APLICAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO .....	13
2. JUSTIFICATIVA .....	14
3. OBJETIVO GERAL .....	17
4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	18
5. EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A EDUCAÇÃO INFANTIL .....	19
5.1 A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL E OS PROFESSORES .....	22
5.2 A LITERATURA COMO MEDIAÇÃO NA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS .....	26
6. METODOLOGIA.....	30
7. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO.....	33
8. DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO PEDAGÓGICA .....	35
9. ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS PROFESSORES .....	38
10. AVALIAÇÃO .....	42
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	45
12. REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICE .....	49
ANEXOS .....	51

# **1. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO E DO PÚBLICO CAMINHOS PERCORRIDOS**

## **1.1. LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA E HISTÓRIA DO BAIRRO**

A Escola Municipal de educação infantil escolhida para implementação do plano situa-se na região do Barreiro em Belo Horizonte/MG. É mantida pela prefeitura municipal de Belo Horizonte e atende à crianças de idades de 3 à 5 anos. Possui 6 salas de aula, uma biblioteca, cantina, pátio interno e externo, além de uma pequena piscina para uso das crianças. Possui 6 professores no período da manhã e 6 no período da tarde. Conta com uma coordenadora por turno, direção e vice-direção. Vale ressaltar que, por ser um espaço de educação infantil não se caracteriza como UMEI, (Unidade Municipal de Educação Infantil), por não atender crianças de 0 (zero) à 2 anos de idade. É considerada como referência na rede municipal de Belo Horizonte por ser uma das primeiras escolas especializadas em educação infantil na cidade.

O Barreiro é uma região desenvolvida e composta por diversas classes sociais entre elas, empresários, trabalhadores da indústria e comerciantes. Era uma área de fazendas, que aos poucos foram vendidas em pequenas porções de terras para italianos que vieram em busca de trabalho em Minas Gerais. Antes mesmo da construção de Belo Horizonte foi criado ali mesmo, em 1855, a Fazenda do Barreiro que se subdividia em Fazenda do Pião, ao Norte e Fazenda do Barreiro, ao sul. Em 1948, a região do Barreiro foi transformada em cidade satélite de Belo Horizonte. Houve então a criação de indústrias e um grande aumento da população. “Pouco tempo depois da criação da cidade satélite, a região recebeu uma grande indústria: a siderúrgica Mannesmann, que impulsionou o crescimento dos bairros vizinhos.” (ARREGUY; RIBEIRO, 2008, p. 26).

Em 1997, a lei de n.º 7412, sancionada pelo prefeito Patrus Ananias criou o Distrito da Região do Barreiro.

Atualmente, o Barreiro é a segunda região mais movimentada de Belo Horizonte depois do centro comercial da capital. Em 2010 completou seus 155 anos de idade, sendo mais antiga do que a própria cidade. São mais de nove mil empresas de comércio e prestação de serviços, bem como profissionais autônomos,

indústrias de pequeno, médio e grande porte, shopping e variadas instituições que proporcionam um perfil de cidade à região, que distancia 15 km do centro de Belo Horizonte, mas pertence a esse município.

Uma estatística feita pela Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) em 2006 constatou um total de 9.747 atividades, comercial, industrial e de serviços. Foram catalogados 4.190 comércios varejistas, 404 comércios atacadistas, 3.901 empresas de prestação de serviços, 355 indústrias, 324 locais de serviços de uso coletivo e 573 profissionais autônomos.

A região do Barreiro está conectada ao centro da cidade por diversas vias e bairros. As estações BHBUS (Estação de terminal de ônibus) Barreiro e Diamante polarizam o transporte coletivo da região. As escolas municipais são distribuídas pelos quarenta e oito bairros e compõem cerca de cinquenta e cinco escolas aproximadamente. São escolas que atendem o ensino fundamental do primeiro, segundo e terceiro ciclo. A região possui também as UMEIS (Unidade Municipal de Educação Infantil), que atende a clientela de alunos de zero a seis anos de idade.

O Barreiro então constituiu-se como uma parte da cidade de Belo Horizonte que desenvolveu-se e ao longo da história com áreas de lazer, comércio, industrial educação e saúde para que a população fosse atendida em suas necessidades. Faz parte da História de Belo Horizonte e muito contribuiu para o desenvolvimento da cidade.

## **1.2. CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS E DO CORPO DOCENTE ESCOLAR**

A Escola Municipal tratada neste trabalho atende crianças que moram em seu entorno e que residem nos bairros e vilas de Contagem. Estas crianças são inscritas através do processo de seleção por vulnerabilidade social da prefeitura municipal de Belo Horizonte. As vagas remanescentes são preenchidas por sorteio de todos os inscritos que não foram contemplados na primeira etapa.

Os alunos gostam do espaço que estão inseridos, pois têm a oportunidade de vivenciar o brincar de forma prazerosa e educativa. Através da proposta feita para educação infantil pela PBH, que prioriza o cuidar e o educar, as crianças ampliam

seus conhecimentos vivenciando experiências dos mais diversos temas. Com o tema identidade, as professoras desenvolvem outras temáticas que possibilitam aprendizado e reflexão para os alunos. Contar histórias, desenvolver projetos com temas ambientais e da natureza, rodas de conversa e investigação são rotina da escola.

O corpo docente da escola é composto por dezoito professoras e atende um total de cerca de cento e cinquenta alunos diariamente. Todos possuem nível superior completo e alguns possuem especialização na área educacional.

Por meio de um questionário realizado com os docentes foi possível perceber que o tema sobre as relações étnicas, a cor negra sua representação no Brasil e o debate sobre o racismo, também, são abordados em temas em sala. Porém, com menos enfoque que os outros assuntos. O discurso sobre a etnia e posturas de combate ao racismo é pouco explorado por existir na escola a concepção de que na educação infantil, não existe racismo ou diferença entre as crianças. E se existe, é muito pouco e logo é discutido em sala.

Com a exigência e a implementação da lei 10.639/03 trabalhar com este tema, o da cultura negra e diversidade, torna-se um desafio neste espaço uma vez que poucas professoras o exploram.

Por se tratar de uma escola que dispõe de um rico acervo de livros, recursos pedagógicos além do total incentivo da direção que em reuniões sugeriram que o tema fosse trabalhado, poucas foram às vezes que se teve uma discussão maior que pudesse vir a transformar-se em proposta de trabalho inserida no currículo e no Projeto Político Pedagógico Escolar.

Experiências em 2010 foram desenvolvidas nos dois turnos da escola. Ambas contemplavam a lei 10.639/03. Algumas professoras e a auxiliar de biblioteca expressaram formas de discutir o tema. Abordaram a história da Bonequinha Preta inserida em um projeto literário, que foi objeto chave para ser feita uma discussão permeando a história apresentada.

Pesquisas sobre o desenvolvimento e a implementação da lei 10.639/03 nas escolas vem nos dizer que, a temática é vista no senso comum sem se perceber a profundidade nos temas tratados que perpassam apenas o campo do evento. “Ela é vista como uma produção de um discurso esvaziado, superficial [...]. Ela

revela a intenção de esvaziamento do discurso do trabalho acadêmico realizado com tanta seriedade que debruçam sobre a temática racial.” (GOMES, 2003, p.7).

### **1.3. SELEÇÃO DOS SUJEITOS PARA APLICAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO**

Para compor os sujeitos envolvidos na ação pedagógica na Escola Municipal foram escolhidos os professores e alunos do turno da tarde, além de uma coordenadora. Esta escolha foi realizada pelo fato da interventora da ação cumprir o horário de trabalho.

A escola é composta por aproximadamente cento e cinquenta alunos por turno. Possui um espaço adaptado a idade das crianças e aproximadamente dezoito professoras no total de educadores e professores. As aulas são divididas em dois turnos, matutino e vespertino e conta também, com duas bibliotecárias ,auxiliares de serviço gerais e porteiros.

Com o apoio da direção da escola, a ação realizou-se de setembro a dezembro de 2011 e resultou em uma exposição no centro cultural do Barreiro, de forma a proporcionar a comunidade e outras escolas a conhecer e compreender um pouco do que as produções das crianças diziam sobre a temática desenvolvida.

Iniciou-se então em uma Escola Municipal de Belo Horizonte que funciona em dois turnos. São atendidos alunos à faixa etária entre 3 a 5 anos de idade. Participaram da ação seis turmas de alunos sendo que duas turmas de três anos possuía a quantidade de dezesseis alunos cada, duas turmas de 4 anos com vinte dois alunos em cada e vinte cinco alunos em cada uma das duas turmas de 5 anos.

Dessa forma, foram atendidos um total de cento e vinte seis alunos e seis professoras incluindo a coordenação.

## 2. JUSTIFICATIVA

Este trabalho foi de suma importância, pois contribuiu para a ampliação do conhecimento todos participantes do projeto. Esta temática era de grande interesse e através do curso de especialização Educação para as Relações Étnico-Raciais foi possível criar estratégias e recursos que viabilizassem mais o conhecimento sobre o tema para desenvolvê-lo no âmbito escolar, em especial, na Educação Infantil.

O trabalho teve como base a literatura as africanidades existentes nos livros de literatura e a obra de Cândido Portinari, na qual expressa a diversidade e as brincadeiras.

Ao pensar no aluno atendido na escola de educação infantil sabe-se que, a criança tende a assimilar valores e reproduzir discursos, sua própria imagem passa pelo olhar e conceito do outro. A instituição escolar deve estar atenta para as diversas formas implícitas ou explícitas que reforçam a visão etnocêntrica. Essas formas são constituídas a partir das relações sociais. Não basta dizer que somos diversos é preciso sair das desigualdades e discriminações. A relação étnico-racial está cada vez mais sendo instrumento de debate em nossa sociedade.

Segundo a lei 10.639/03, os estabelecimentos de ensino devem articular estratégias que possibilitem sanar o modo falso e reduzido do tratamento fornecido como contribuição aos africanos escravizados e aos seus descendentes, para a construção da nossa nação brasileira. É dever dos estabelecimentos de ensino fiscalizar para que, no seu interior, não haja atitudes, falas e condutas que contribuam para o racismo e para a discriminação.

Ao discutir tal temática, o plano de ação veio buscar um diálogo e reflexão com professores e alunos da educação infantil de uma escola de Belo Horizonte. O tema Relações Étnico-Raciais é ainda, pouco explorado neste espaço da educação infantil e existe pouca afinidade, por parte dos professores, em relação aos livros de literatura africana e os mesmos poderiam ser utilizados como recurso pedagógico para ampliar o conhecimento das crianças sobre a África, seus costumes e tradições.

Segundo as diretrizes curriculares nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais é obrigatório temas que retratam a História e a Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica. Esta é uma decisão política e de suma importância no âmbito pedagógico e principalmente na formação de professores. A inclusão da história e cultura africana nos currículos é de grande relevância para resgatar a história de um povo que nos originou. A valorização da identidade e da cultura vai além da garantia de vaga para negros e brancos na escola.

É importante destacar que não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcante de raiz européia por um africano, mas ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira.<sup>1</sup>

O plano de ação se pauta na busca de um espaço na Educação Infantil e no interesse de se colocar em debate e estudo, a questão histórica e racial implementada pela lei 10.639/03, em especial, professores e alunos da Educação Infantil não familiarizados com a histórias étnica, com a cultura afro-brasileira e africana.

O trabalho veio propor momentos de discussão e conhecimento para compreender as diferentes opiniões e argumentações, visando objetivos comuns em busca de uma sociedade mais justa. Pensando em desenvolver ações educativas que visavam trabalhar com a temática apresentada para melhor conhecimento dos professores e alunos.

O plano de ação veio orientar também, “a ampliação do acesso a informação sobre a diversidade e da nação brasileira e sobre a recriação das identidades, provocada por relações étnico raciais”<sup>2</sup>

A construção do plano de ação tem como eixo norteador a lei 10.639/03 relativas à Educação Étnico-Racial e as Diretrizes Curriculares da Educação das

---

<sup>1</sup> BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Parecer n. 003/2004*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp\\_003.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf)> Acesso em: 16 jun. 2012.

<sup>2</sup> *Ibidem*, 2004, p.10

relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e cultura Afro-brasileira e africana.

Contudo ampliar e desenvolver o conhecimento valorizando a cor negra, desenvolvendo o respeito e uma imagem positiva de si e dos outros é também, objetivo deste trabalho. Uma vez que, é fato reconhecer que o negro no Brasil sempre foi levado a negar suas origens, para ser aceito ou para se identificar com o que não é de sua personalidade.



### **3. OBJETIVO GERAL**

Sensibilizar os professores e alunos para uma maior aproximação e reconhecimento da diversidade sócio cultural existente em nossa sociedade, focando as relações étnico-raciais.

#### **4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Explorar a literatura e as diversas formas de africanidades existentes nas histórias apontando como critério de escolha dos livros, a presença de personagens negros, abordados de forma positiva nas histórias;

Conhecer algumas obras de Cândido Portinari e sua influência na arte;

Desenvolver a percepção da criança através da temática sobre diversidade e relações étnico-raciais;

Estimular, indagar, fazer relações entre a produção das crianças, leitura de imagens e contextualizações históricas, além de leitura de percepção dos professores perante o material apresentado como recurso pedagógico e sobre a discussão lançada;

Estimular através da leitura, alunos e professores para conhecerem a cultura negra;

Introduzir a oralidade e a arte através de desenhos, releituras de histórias;

Reconhecer hábitos e costumes incorporados em nosso cotidiano e reconhecer suas origens históricas.

## 5. EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao repensar o papel da escola na formação de identidades, a proposta apresentada pensou em estimular a percepção dos alunos da Educação Infantil e do corpo docente em relação às diferenças socioculturais existentes entre as pessoas e o respeito de um pelos outros. Nesse sentido, recorreremos às referências normativas e ainda alguns autores para entender o que constitui a educação para as relações étnico-raciais e sua singularidade no âmbito da Educação Infantil.

Pensar na formação e na discussão das relações étnico-raciais na educação infantil vem propiciar um conhecimento da cultura no qual estamos inseridos e da riqueza trazida pelos negros e que se perpetua até hoje em nosso cotidiano.

A Educação Infantil vem sendo respeitada e sendo considerada como uma das bases importantes para dar início à educação e a socialização das crianças. Com a aprovação e a implementação da lei 10.639/03 que dimensiona o ensino de História da África e Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar tornando o obrigatório na Educação Básica e o Parecer CNE/cp003 (Brasil, 2004) inicia então uma vasta discussão sobre a identidade da cultura afro-brasileira, assim como o combate ao racismo no âmbito escolar em seus diferentes níveis de ensino.

É na Educação Infantil que iniciamos e criamos hábitos através dos valores, formação de costumes, e princípios étnicos. Caso a criança não for preparada desde muito cedo, para romper com o preconceito e o silêncio diante da discussão sobre o negro e de toda sua história constituída em nosso país, dificilmente ela poderá produzir seus próprios conceitos, sem repetir padrões ditados por uma sociedade baseada na discriminação.

Com base nesses conceitos e documentos citados, como o parecer nº. 003/2004<sup>3</sup> e as leis de Diretrizes e Bases da Educação veio fundamentar e nortear o plano de ação obras produzidas por pesquisadores como Nilma Lino Gomes,

---

<sup>3</sup> BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Parecer n. 003/2004*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp\\_003.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf)> Acesso em: 16 jun. 2012.

Kabenguele Munanga que tratam de assuntos relevantes para a compreensão da realidade brasileira além das diversas culturas encontradas no Brasil e a história do negro.

Em documentos como, as diretrizes, são norteadores do trabalho do professor a medida que sugerem o Parecer CNE/cp003 (Brasil, 2004) como uma ferramenta para o exercício da lei uma vez que, é tarefa adequar o proposto neste parecer a realidade de cada sistema de ensino. Com isso, as escolas devem articular estratégias para que o cumprimento da lei seja cumprida.

Neste sentido, a luta pela superação do racismo e da discriminação é tarefa de todo educador independente de seu pertencimento étnico racial. Por isso, a sensibilização dos professores com a busca do conhecimento e a formação docente é muito importante. Pois, expressa a postura dos demais profissionais da escola em relação à lei que é exigência curricular e que de alguma forma deve ser trabalhada.

Segundo Gomes (2002), ao assumir uma postura perante trabalhar tal tema é preciso superar o desafio do campo da didática no que se refere à diversidade. A autora nos propõe em pensar na sua dinâmica e articulação com os processos educativos.

Mais do que criar novos métodos e técnicas para se trabalhar as diferenças é preciso, antes, que os educadores e educadoras reconheçam a diferença enquanto tal, compreendam á luz da história e das relações sociais, culturais e políticas da sociedade brasileira, respeitem-na e proponham estratégias e políticas de ações afirmativas que se coloquem radicalmente contra toda e qualquer forma de discriminação. (GOMES, 2002, p.20).

A escola de Educação Infantil deve ser de fato, um ambiente de prazer onde são oferecidos diversos recursos para serem trabalhados com o tema da lei 10.639/03. Através de observações, comparações, reflexões, releituras de temas e obras, tudo isso, faz com que a criança possa descobrir a importância da cultura, das manifestações artísticas, das crenças e rituais afro-brasileiros, procurando assim, de alguma forma, apropriar-se delas construindo pensamentos que não são impregnados e estigmatizados de estereótipos racistas.

Na rede municipal de Belo Horizonte, as proposições curriculares são fundamentais para nortear o trabalho de todo educador e professor e orientar

propostas pedagógicas da Educação Infantil. Nele constatamos que, reconhecer que os ritmos de aprendizagem são diferenciados e que eles são de muita importância na vida da criança, logo, é fundamental.

Tal documento vem discorrer sobre a importância de uma ação na educação infantil que constitua um projeto de cultura comum que deve ser trabalhado entre as crianças de zero a seis anos, para que suas experiências educativas e escolares sejam de aprendizado e evolução para o crescimento e para formação humana. Essa cultura comum se refere como os conhecimentos escolares são socialmente construídos, por parte de uma herança social e cultural no qual toda criança tem o direito de conhecer, compreender e fazer parte dela. As intenções educativas devem estar claras a todo educador e professor da Educação Infantil.

No que tange a educação infantil, os conhecimentos das diversas linguagens atitudes e valores que lhe permitam a plena inserção no mundo social e a participação efetiva em todas as esferas da vida pública, produzindo, consumindo, recebendo, transformando, inventando, criando culturas e o direito à igualdade radical nas interações étnico raciais de classes e gênero.<sup>4</sup>

Ao pensar nas relações em sala de aula e no aluno frequentador da escola, logo percebemos preocupações que nos tomam em perguntas e questionamentos que nos remetem todo tempo ao tipo de recurso, estratégia e atividades que podemos utilizar. Porém, é necessário ter em mente, também, que tipo de imagem possuímos das crianças nas quais recebemos em sala. Isso porque são essas imagens que irão definir a relação adulto e criança que iremos ter naquele espaço.

Promover a reflexão sobre a imagem de criança que dá suporte as práticas dos educadores possibilita a compreensão das singularidades e potencialidades de cada criança, podendo contribuir para promover condições de igualdade.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> BELO HORIZONTE. Prefeitura. Secretaria Municipal de Educação. *Desafios da Formação*: [Proposições Curriculares; Ensino Fundamental; Textos Introdutórios; Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte]. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Educação, 2010. 52p.

<sup>5</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Orientações e ações para a Educação das Relações Étnico Raciais*. Brasília: SECAD, 2010.

A admissão da igualdade permite reconhecermos as diferenças que são presentes. E essas distinções são apontadas em nossa rotina e são muito importantes, no qual se necessita de leitura e de um olhar sensibilizado por parte da educadora.

No Brasil os fatos históricos descrevem que as crianças desde muito pequena eram obrigadas a trabalhar, perdendo assim o tempo da infância.

O debate à época evocava a necessidade de educar, moralizar, domesticar e integrar os filhos de trabalhadores. Tais ideias traduziam uma concepção de infância como período de ingenuidade, inocência, facilidade de moderação de caráter.<sup>6</sup>

Somente na década de 1970, ao meio dos movimentos sociais e o grito de liberdade é que os direitos da criança tomaram força. Foi exigido assim, através destes movimentos que o Estado oferecesse melhores condições para mulheres e crianças, melhores escolas, creches e escolas públicas de Educação Infantil.

Segundo o artigo 208, inciso IV, da constituição federal (1988) visa garantir o dever do Estado para atender a Educação Infantil, não só como política de favorecimento das mães, mas como garantia de direitos das crianças.

Na década de 1990, o estatuto da criança e do adolescente veio apontar que os direitos deveriam ser respeitados por toda sociedade. Contudo, a lei de Diretrizes e Bases da Educação veio firmar a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica.

## 5.1 A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL E OS PROFESSORES

---

<sup>6</sup> *Ibidem*, 2010, p.31 e p.32

*Orientações e ações para a Educação das Relações Étnico Raciais*. Brasília: SECAD, 2010.

Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes\\_eticoraciais.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_eticoraciais.pdf)>. Acesso em: 24 jun. 2012.

É de suma importância que as relações étnico-raciais sejam ponto de discussão e que esteja associada a uma política de formação de professores para desenvolver tal temática nas escolas.

Em uma pesquisa realizada na Educação Infantil da rede pública de São Paulo, Cavalleiro (2010) constatou-se inúmeras situações de racismo observado no espaço escolar. Verificou-se também, o despreparo do grupo docente em lidar com o tema relações étnico-raciais e com as situações de discriminação encontradas. Notou-se ainda, preconceitos que estão de certa forma, pautados em pensamentos associados ao ideal de branqueamento da época escravocrata e ao mito da democracia racial, no qual a sociedade brasileira se constituiu.

O movimento negro a partir da década de 1970, veio por meio de grande luta denunciar insistentemente esse mito como um fato presente que só prejudicou a luta do povo negro. Este mito baseado em ideais de que no Brasil, todos somos iguais, como uma cultura diversa e por isso, não existe preconceito, só contribuiu para massacrar a realidade sofrida pelos negros em longa data no país.

Com a pesquisa ficou então evidente, as formas e os mecanismos internos e simbólicos que as escolas contribuem para discriminação racial. Depoimentos e falas de professores demonstraram nas diversas ideias que foram disseminadas ao longo do tempo no Brasil e ainda permeiam o imaginário social.

Discursos como estes, muitas vezes são articulados sem a maior reflexão em grupos na escola, em momentos de descontração por parte dos docentes, em momentos do café, reuniões onde a maior parte dos assuntos são referentes aos alunos e suas famílias. São falas que há anos são reproduzidas e se tornam comuns por serem repetidas das mais diversas formas e até mesmo por pessoas negras que como forma de serem aceitas no espaço do branco assume dizer que o cabelo é pixaim ou algo parecido. Atitudes que chocam apenas a quem possui na pele a cor que tanto lhe recriminam.

Ao pensar sobre a pesquisa realizada por Cavalleiro (2000) em São Paulo é possível refletir no espaço em que se constitui a educação infantil em Belo Horizonte.

Em Minas Gerais, a Educação Infantil vem ganhando espaço através da criação da Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) e do dedicado trabalho de professoras e educadoras. Não podemos nos esquecer das creches e das escolas

de ensino fundamental que atendem a Educação Infantil. Porém, poucas instituições desenvolvem um trabalho para desconstrução do racismo e do reconhecimento da criança negra na escola e na sociedade. Desde muito cedo são expostas as diversas formas de preconceito, pelo fato de ser pobre ou negra, seja de forma verbal, clara ou através do silenciamento argumentado que, na escola todos são iguais e que não existe preconceito.

Negar a diversidade existente e persistir em reconhecer somente uma cultura, que historicamente reinou e ainda reina em nosso cotidiano é uma forma de assumir uma postura racista contra sociedade que atendemos. O silêncio é uma forma de linguagem, uma escolha, uma resposta e fala por si.

É na Educação Infantil, que as crianças vivenciam a invisibilidade da sua cor, das suas origens e da cultura negra. Elas então passam a ter contato com a cultura do embranquecimento. É nesta fase que a criança tem contato com a literatura infantil, com o trabalho de percepção e desenvolvimento da identidade.

O professor deve vir a ser um mediador inconsciente dos estereótipos se for formado com uma visão acrítica das instituições e por uma ciência tecnicista e positivista, que contempla outras formas de ação e reflexão. (MUNANGA, 2005, p.24).

Na Educação Infantil, a literatura é povoada por contos de fadas formados por livros de princesas brancas, loiras e histórias de reinos que descrevem uma realidade não muito próxima da qual estamos inseridos. É válido ressaltar que os contos de fadas, também, construídos em uma determinada cultura e em uma determinada época têm muito a contribuir para a infância. Mas, é importante exaltar também, que a maioria das crianças que frequentam a Educação Infantil, em especial, de Belo Horizonte tem o direito de conhecer histórias que se aproximam de sua vivência e de sua cultura.

Propiciar aos alunos o direito de se identificarem com personagens que possuem o cabelo, cores próximas ao da realidade em que estão inseridos é uma forma de reler o mundo com o olhar para as diversas culturas presentes.

A cultura do branco, da neve, dos castelos, do índio, da floresta, da natureza e do seu habitat natural, a cultura negra do continente que também possui uma



história, uma escrita, um costume. Tudo isso é uma forma de ler o mundo através da literatura. Oferecer aos alunos a oportunidade de descobrir um universo literário por meio do olhar da cultura negra e criar a oportunidade de compartilharem gostos e brincadeiras. Essa é uma mediação que a professora e educadora deve propiciar diante da diversidade de materialidade e recursos existentes nas escolas e contra uma postura de silêncio construída historicamente.

Gomes (2002) vem nos dizer que investir em trabalhos de orientação para educadores é necessário, sobretudo para os educadores(as) e professores(as) que possuem sensibilidade em querer saber mais sobre a temática. São formas de dar início a um trabalho sério nas escolas que vão além do campo do evento e datas comemorativas.

O professor educador é peça fundamental na formação da criança da Educação Infantil e é imprescindível que ele conheça a temática da educação e da diversidade. Assim como é trabalhado temas sobre a preservação do meio ambiente, a reciclagem, o desenvolvimento infantil e suas fases é possível também, aprofundar sobre a questão das relações étnico-raciais e sobre o racismo no Brasil.

O professor (a) educador (a) deve assumir uma postura de pesquisador, pois só é possível educar quando, também, se está em constante aprendizado, construindo e desconstruindo conceitos. Revendo posturas, analisando e refletindo sobre discussões que estão em constante movimento na sociedade devido a grande historicidade que elas possuem. É preciso ir além somente da obrigatoriedade da lei, é preciso assumir de forma política e consciente a função na qual se realiza. Conforme Boff (2001, p. 17) “o conhecimento começa na libertação da consciência”.

A história descreve seu lado bravio de conquista de países colonizadores enquanto que, para ocultar as violências de suas conquistas de forma impiedosa desmoralizaram seus colonizados.

Afirmavam, por exemplo, que habitantes da Costa do Ouro e de toda África eram seres inferiores, incultos e bárbaros. Por isso mesmo deviam ser colonizados. De outra forma jamais seriam civilizados e inseridos na dimensão do espírito universal. Os ingleses reproduziam tais difamações em livros. Difundiam nas escolas (BOFF, 2001, p.19).

Cabe a nós que constituímos o corpo docente das escolas do país, em especial, as escolas municipais de Educação Infantil de Belo Horizonte, o desenvolvimento do pensamento crítico diante das diversas formas e movimentos em que a sociedade perpassa e muda o contexto escolar. Esse contexto leva o rosto de uma geração mais justa, sem preconceitos antigos e formas de desmerecimento e discriminação de grupos em detrimento de outros. Essa nova geração de crianças que um dia levará o Brasil a uma forma mais justa de ler sua própria história, através do seu berço indígena e africano, que muito contribuíram para a construção do país.

Mesmo de formas subjulgadas encontraram-se formas de resistir e protestar contra o explorador, de fazer viver suas raízes e tradições e deixá-las em nosso meio, como forma de resistência de uma cultura sólida.

A cultura negra nas escolas não deve se restringir às discussões da capoeira, do batuque, da bruxaria, da escravidão. O negro possui uma história, o continente africano já a possuía antes mesmo de ser colonizado. Precisa-se desvendar essa história, se interessar pelo que ainda a própria história dos livros não contou. É necessário olhar de outro foco, colocar-se no lugar do negro e indagar a construção da própria sociedade brasileira.

O professor ao trabalhar dentro dos parâmetros da lei 10.639/03 tem por responsabilidade e compromisso aprofundar-se sobre o tema das relações étnico raciais, buscar conhecimento em leituras de autores de diversas vertentes, de autores que muito se debruçaram em pesquisa para desconstruir o que a história a vida todo construiu. É necessário informações para desconstruir falas, jargões, ideias e pensamentos que ao longo do tempo introjetaram-se na sociedade criando assim uma cultura de silenciamento que passam por atos e omissões na sociedade brasileira.

O preconceito segundo é visto como o “jeitinho brasileiro” de disfarçar uma realidade que pulsa a todo instante no Brasil. Tal disfarce serviu e serve até hoje para manter o racismo sobre uma grande cortina de silêncio.

## **5.2 A LITERATURA COMO MEDIAÇÃO NA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS**

A literatura possui elementos que compõem as culturas africanas no Brasil e, também, a cultura negra. Resgata memórias que são culturais oriundas da África e que algumas até fazem parte do nosso cotidiano. Memórias que pertencem a todos que residem no Brasil e que por direito, a criança deve conhecer no seu primeiro contato escolar.

Através de recontos literários e releitura de elementos que compõem a cultura negra no Brasil a proposta busca orientar, questionar ações e esclarecer equívocos em relação à questão racial.

A escola é um espaço de formação, neste sentido é preciso estimular o respeito aos diversos tipos de culturas. É na contação de histórias que se busca o instrumento chave para desenvolver nas crianças o respeito às diferenças e conhecimento sobre a cultura negra herdada no Brasil.

Acredita-se que o plano de ação possa trazer uma reflexão por parte dos professores a respeito do tema resultando, também, em mudanças significativas no ambiente atual da escola, de forma que venha ser trabalhada a questão e discutida com mais frequência nos próximos anos.

Lopes (2005) relata que é imprescindível trabalhar com as crianças, textos, poesias e canções que abordam sobre os direitos humanos e os direitos das crianças. Decodificar mensagens, dramatizar, cantar, conhecer a vida dos autores, buscar informação na cultura popular e trabalhar com autores negros brasileiros contribuem e muito para modificar o pensamento sobre o negro em nossa sociedade.

Um olhar atento sobre o a realidade do povo brasileiro mostra uma sociedade multirracial e pluri-ética que faz de conta que o racismo, o

preconceito e a discriminação não existem. No entanto, afloram a todo momento, ora de modo velado, ora escancarado, e estão presentes na vida diária.(LOPES, 2005, p.186).

Cavalleiro (2003) vem nos dizer que é indispensável a elaboração de um trabalho que promova o respeito mútuo, o reconhecimento das diferenças, a possibilidade de se falar sobre elas sem receio e sem preconceito.

Torna-se difícil não perguntar por que o professor se omite em relação ao problema étnico. Silenciar essa realidade não apaga magicamente as diferenças. Permite, porém, que cada um construa, a seu modo, um entendimento do outro que lhe é diferente. (CAVALLEIRO, 2003, p.101).

A literatura é um campo de trabalho e um espaço a ser conhecido e analisado seja através de imagens, seja através da leitura ou da construção dela. Uma vasta riqueza de livros compõe hoje, a temática das relações étnico-raciais, para que outras formas e versões sejam contadas em relação ao negro no Brasil e no mundo. Ao se declarar que no ambiente escolar não existe preconceito ou que ele é tratado continuamente nas relações de identidade e conversa na escola, talvez contribuamos mais para o racismo de forma silenciada, sem reflexão sobre a realidade daquelas crianças.

Segundo Gomes (2005) é necessário trabalhar com os alunos, os direitos humanos e os direitos das crianças.

Escolher com elas textos, poesias e canções que falem desses direitos, decodificar as mensagens, dramatizar, cantar, conhecer a vida dos autores, buscar informações na cultura popular, trabalhar com autores negros brasileiros irão contribuir muito para recontar a história do negro de forma positiva sem distorções. (GOMES, 2005, p.194).

A mesma autora vem nos esclarecer que diferente das Ciências Sociais, no que se refere aos estudos afro-brasileiros, foi a partir da problemática das relações sociais que a africanidade no Brasil foi resgatada. “Os estudos das várias literaturas africanas, Anglófonas, Francófonas, Lusófonas foram à porta da entrada para alguns terrenos da literatura afro brasileira.” (GOMES, 2006, p.74). Porém, segundo a

mesma autora, o reconhecimento da existência de uma literatura afro brasileira ainda está em processo de construção, tanto na formação de leitores como nos espaços acadêmicos.

Na escola a literatura infantil oferece uma gama de temas a serem explorados para trabalhar a temática com os menores.

Destacar a questão do negro e levar a criança a observar se há, na sala de aula, meninas, meninos que usam penteados afros. Levar as crianças a observar como é difícil e demorado fazer tal penteado, recortar de jornais e revistas ilustrações de pessoas que estão usando um desses penteados. Expor. Trazer para sala de aula ilustrações de artistas, como Rugendas e Debret, que, já na época colonial, mostravam como eram os penteados dos negros no Brasil. (LOPES, 2005, p.194-195).

O cabelo de Lelê foi um dos livros utilizados para descrever a atividade acima no plano de ação. O livro trata de uma criança que deseja muito saber por que seus cabelos são crespos e encaracolados. É um dentre os mais variados tipos de literatura infantil que abordam temas que contemplam a lei 10.639/03.

Contudo, a literatura é uma importante ferramenta para abrir a discussão para as crianças. “A literatura afro-brasileira, engajada, comprometida com a auto-estima da população negra, tem como eixo principal o negro como agente, como sujeito”. (GOMES, 2006, p.75).

## 6. METODOLOGIA

A realização deste trabalho na Educação Infantil com turmas de 3 a 5 anos, iniciou em uma delas e foi ampliado para as demais turmas por meio de um convite. A realização deste trabalho ocorreu com a proposta de uma caixa literária. Esta caixa surgiu através da iniciativa de criar estratégias para desenvolver uma proposta que é de exigência do curso de pós-graduação em Educação para as Relações Étnico-Raciais. A ideia de utilizar a caixa como forma de chamar a atenção dos alunos para os livros de literatura que trabalham com temáticas que tratam da cultura negra, sua forma de expressão no cotidiano, sua história, a estética e as africanidades existentes, foi muito importante para iniciar um diálogo com alunos e professoras.

A caixa foi incorporada ao trabalho desenvolvido em uma das turmas de cinco anos, a turma do Sapo. Esta turma já estava trabalhando com algumas obras do artista Cândido Portinari. Através do estudo das obras do pintor ao tema proposto pela lei 10.639/03 foi possível discutir com as crianças de três a cinco anos questões relacionadas a cor negra ou branca, características de cada um, pertencimento étnico utilizando como referências as obras que retratam crianças negras brincando em um determinado contexto histórico. As professoras tiveram a oportunidade de conhecer não só as obras de Cândido Portinari e sua história como também, parte de um rico acervo de livros que compõe a biblioteca da escola.

A caixa foi confeccionada com desenhos e colagens da turma do Sapo que também escolheu a maioria dos livros composto nela. Os alunos da turma de 5 anos apresentaram a caixa de histórias para cada turma convidando a professora da mesma para recebê-la. O convite também propôs a turma e a professora a conhecer o autor no qual propomos trabalhar e as outras histórias que poderiam ser exploradas e lidas.

A história ou histórias selecionada por todos foi lida e trabalhada através da interpretação, desenhos coletivos, registro e expressões artísticas variadas.

A turma do Sapo de cinco anos confeccionou a caixa com desenhos e colagens e escolheram os livros. Eles escolheram quatro histórias para conhecer. Chico Rei foi uma delas.

O livro *Portinholas com imagens de telas* de Cândido Portinari veio apresentar a todos, desenhos e pinturas de autorretrato de crianças de diversas etnias e em brincadeiras cotidianas. Durante a execução do plano foi realizada uma visita à igreja São Francisco de Assis, na região da Pampulha em Belo Horizonte, onde existe uma obra do pintor. Além da visita a igreja, a biografia do autor foi estudada e apresentada às crianças de forma ilustrativa e com exploração de algumas brincadeiras propostas por ele ao criar suas telas. Foi aplicada a cada professora um pequeno questionário com perguntas para compreender o que elas pensavam e achavam sobre a questão da lei 10.639/03 e se era trabalhada na escola. Ao final de cada visita da caixa, as crianças criavam seus registros conforme a orientação da professora e em uma roda de conversa, diziam o que mais haviam gostado no trabalho. Finalizando o trabalho com a caixa na sala, as professoras respondiam as duas últimas perguntas do questionário como forma de avaliar a atividade realizada.

Em outro momento foi feito um convite, em parceria com a biblioteca, para as professoras, alunos e direção da escola assistirem a um pequeno filme com imagens da África, da população e da cultura do continente. Em seguida, iniciou-se um debate para que as crianças pudessem falar o que sentiram, o que gostaram, o que existia lá no continente e aqui no Brasil.

O livro *Portinholas*, constituído por imagens das telas do pintor Cândido Portinari, veio apresentar a todos, desenhos e pinturas de autorretrato de crianças de diversas etnias e em brincadeiras cotidianas. Ele foi um condutor para iniciar um diálogo com os alunos.

Os alunos tiveram novas histórias a descobrir através da observação de imagens e comparação com outros livros, que abordavam crianças brancas, mas também, crianças negras apresentadas em brincadeira. Puderam reconhecer nos livros, personagens da cor negra que tanto são próximos de nossa realidade e de nosso cotidiano. Perceberam que além dos Três Porquinhos, Branca de Neve, Cinderela, Rapunzel e outras histórias existem também lindas crianças negras que compõe o universo da literatura infantil.

Assim, como são importantes as princesas brancas, há também outras que trazem princesas negras e outras considerações sobre a diversidade étnico-racial aos olhos da criança. Por isso, além do livro de Cândido Portinari, outros trinta e seis livros de literatura africana foram apresentados na caixa, para que as crianças

pudessem escolher o que mais lhe despertasse o interesse e a curiosidade para ser explorado.

E ao final de toda coletânea e produção das crianças apresentou-se a comunidade, no centro cultural do Barreiro, as produções dos alunos para que fossem vistas e apreciadas.

Foram confeccionados cartazes, recortes, pintura e colagem com fotos de revistas e desenhos das crianças que tratam da diversidade étnica brasileira e a cultura africana.

Em uma das salas de crianças de 5 anos houve a encenação por parte dos mesmo de um pequeno teatro como forma de apropriação da história que escolheram. Um dos recursos utilizados para registro de todo trabalho foram as fotografias de cada momento do plano, a serem exibidas como registro visual para o cumprimento da pesquisa e do trabalho.

Os alunos da turma do Sapo desenharam como eles enxergavam os vários tipos de crianças que compunham nosso Brasil e para mostrá-los o continente Africano criou-se dois mapas que os alunos pudessem identificar a distância existente entre nosso país e a África. Perguntas de como era possível sair do Brasil e ir até o continente eram levantadas. E com imagens e brinquedos tais questionamentos forma sendo respondidos.

Toda coletânea de atividades desenvolvidas pelos alunos foram expostas no centro cultural do Barreiro para apreciação de toda comunidade. O trabalho iniciou-se em setembro e se estendeu até o mês de novembro e teve como registro e avaliação as produções das crianças, a opinião e sugestão das professoras e a exposição para que outras escolas da região pudessem compreender, conhecer e refletir sobre as atividades das crianças.



## 7. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

O plano de ação foi desenvolvido nos meses de setembro a novembro em uma escola municipal de Belo Horizonte. Foram atendidas seis turmas no período da tarde e seis professores incluindo a coordenação da escola.

20/08/11 - Organização dos materiais, escolhas dos livros com as crianças e convecção da caixa com as crianças.

13/09/11 - Apresentação da proposta para turma de cinco anos. Conversa informal sobre as imagens apresentadas e apresentação do artista Cândido Portinari.

14/09/11 - Apresentação da caixa para os alunos de cinco anos da turma 4. Decoração da caixa feita pelos mesmos e apresentação dos livros de cultura africana. Manuseio e observação dos livros. Registro de releitura da Obra do Pintor Cândido Portinari apresentado no livro Portinholas. Escolha do livro de literatura africana para leitura Produção de registro.

17/10/11 - Observação de imagens sobre a diversidade encontrada na África em slides, lâminas coloridas e *power point* na biblioteca da escola. Comparação com o que existe na cultura do Brasil. Observação da localização do continente africano no mapa-mundi na biblioteca.

18/10/11 - Visita a sala 1 composta por dezesseis crianças. Apresentação da proposta da caixa feita pelos alunos da sala 4. Apresentação do livro Portinholas e do artista no qual é autor das telas expressas no livro.

20/10/11 - Visita dos alunos da sala 4 com a caixa à sala 2. Apresentação da proposta e apresentação dos slides para turma.

21/09/11 - Visita a igreja da Pampulha com a sala 4 para conhecer a obra feita por Cândido Portinari.

25/10/11 - Visita dos alunos da sala 4 com a caixa à sala 3. Apresentação da proposta e apresentação dos slides para turma.

27/10/11 - Visita dos alunos da sala 4 com a caixa à sala 5. Apresentação da proposta e apresentação dos slides para turma.

04/11/11 - Visita dos alunos da sala 4 com a caixa à sala 6. Apresentação da proposta e apresentação dos slides para turma.

02/12/11 - Mostra e apresentação da proposta de trabalho aos pais das crianças e a toda escola.

## 8. DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO PEDAGÓGICA

O trabalho iniciou com a turma do Sapinho. Fomos à biblioteca da escola e juntamente com a bibliotecária pudemos explorar vários livros do kit “A cor da cultura” e outros da literatura afro-brasileira. As crianças escolheram trinta e seis livros para compor a caixa que seria confeccionada na sala de aula.

A turma do Sapo de cinco anos confeccionou a caixa com desenhos e colagens e escolheram os livros. Eles escolheram quatro histórias para conhecer. Chico Rei foi uma delas. Ao final da leitura foi possível criar um pequeno teatro em sala, onde as crianças participaram recontando da maneira que entenderam a história.

Nomeada como “De grão em grão” escolheram a história do menino Conjo. Um livro escrito por Kwabena Darko, autor que nasceu e escreveu literatura na região de Ashanti, em Gana. A história fala de um menino que vendia ovos para sobreviver. A turma gostou muito e se identificou com o personagem.

O livro Manga, também, foi um dos escolhidos. Com ilustrações muito coloridas chamou a atenção e conta a história da região do Chade na África. E o quarto livro foi o “Crianças como você” que mostra a história de diversas crianças em toda parte do mundo, como vivem, o que comem, vestem como estudam e gostam de brincar. Através de fotos e imagens este livro chamou muito a atenção dos alunos. E em roda de conversa então, focamos em observar e conhecer mais sobre as crianças do Brasil representadas pela indiazinha Celina e as crianças da África representadas por diversas crianças de todas as partes do continente.

Com a caixa pronta, os livros foram colocados nela. Eles gostaram muito das histórias, encenaram uma delas na sala em forma de teatro, apreciaram as ilustrações e se identificaram com personagens dos livros. Em sala estávamos conhecendo a obra de Cândido Portinari e para compor a caixa livros sobre o pintor foram incorporados nela.

Foi apresentado então, aos alunos o livro “Portinholas” que mostra obras de crianças brancas e negras brincando em situações cotidianas.

Durante uma semana a caixa foi explorada para que na semana seguinte a ela pudesse visitar as outras turmas. Independente desta caixa, ficar na sala ou não,

a temática continuou sendo estudada. Muito tínhamos ainda para falar, descobrir, observar, pesquisar.

A biografia do pintor Cândido Portinari foi levada a turma, para que pudéssemos conhecer a história dele e descobrir por que ele pintava pessoas negras, onde passou sua infância e como as crianças brancas ou negras de sua época brincavam. E assim chegamos a conhecer a igreja de São Francisco que possui uma de suas obras. A identidade também foi abordada, para chamar a atenção das crianças sobre a nossa cor que herdamos, como herança de um continente muito especial na história de nosso país.

Ao visitar as salas, as crianças da turma do sapo levavam a caixa e explicavam o que continha nela, por que começaram a explorá-la, e como o pintor Cândido Portinari era importante na construção daquele trabalho. As turmas recebiam juntamente com a professora e logo após a apresentação, uma foto era tirada para registrar o momento. A caixa visitou as 5 turmas da escola e foi recebida com alegria e disposição por parte das crianças e das professoras.

A turminha do peixinho escolheu os livros, “Cabelo de Ossanha” e “A Bonequinha Preta”.

A turma da Borboleta escolheu “Tambor e Capoeira e Menina Bonita do laço de fita”. A turma da Estrelinha escolheu “A Bonequinha Preta”. A turma da Joaquina optou pelo livro “O cabelo de Lelê” e a turma do Piu-piu optou pelo livro “A Bonequinha Preta” também.

Ao final de 2 ou 3 dias com a caixa, as crianças registravam o que ficou de significativo da história e através de uma roda de conversa falavam e explicitavam o que pensavam sobre a criança negra e sobre a cor, sobre a história e as semelhanças que ela trazia.

Em um segundo momento foi montado um calendário com a bibliotecária da tarde e com as professoras para que fosse organizado na biblioteca um mini-cinema. Foram exibidas imagens da África em vídeo no telão. Em seguida, as crianças falaram o que pensavam das imagens e comparavam o que existia lá e aqui no Brasil. Foi uma atividade muito gratificante e bonita, visto que as imagens são lindas e a participação das turmas foi efetiva.

Além das histórias que compunham a caixa foi exposto para as professoras, que na biblioteca havia outros livros para continuar o estudo do tema. E foi sugerido também que, cada professora, poderia dar continuidade ao estudo das relações étnico raciais, através de um interesse em buscar conhecimento para ampliar tal discussão.

## 9. ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS PROFESSORES

Ao desenvolver o plano de ação na escola entregou-se para as professoras, um questionário contendo onze perguntas, na qual a questão 09 e a questão 11 foram respondidas ao final de cada atividade do plano. Ou seja, ao final de cada visita da caixa na sala, cada professora avaliou o projeto respondendo as duas últimas perguntas e as crianças avaliaram simbolicamente através de desenhos, pinturas e colagens.

Na questão 01 foi preenchido um perfil de cada professora ou educadora declarando sua idade, pertencimento étnico, tempo de docência, nível de escolaridade e nível de Educação Básica em que lecionam.

Ao responder o questionário, todas declaram ser do sexo feminino, cinco declararam ser da cor parda e uma da cor branca. Em relação a formação acadêmica, duas disseram ter ensino superior completo e quatro declararam possuir especialização na área educacional. Todas possuem experiência na profissão entre doze a vinte sete anos de exercício. Todas trabalham na Educação Infantil e correspondem a faixa de idade etária entre trinta a quarenta e cinco anos.

Em relação ao Projeto Político Pedagógico da escola, todas as professoras e educadoras responderam que o projeto foi construído com o coletivo e com a assessoria de um profissional da UFMG e que no momento está sendo reformulado e tem como eixo norteador o cuidar e o educar na Educação Infantil.

Na questão que abordou se na escola há algum tipo de inclusão da temática História da África e Cultura Afro-brasileira nas práticas em sala de aula, três entrevistadas disseram que sim, a temática é trabalhada através dos kits que a prefeitura fornece e mesmo que de forma tímida e pouco divulgada, cada vez mais, elas procuram incluir a questão em atividades e relacioná-las. Porém, as outras três reconhecem que há alguma iniciativa e que o tema é tratado dentro de assuntos e projetos da família, identidade e em algumas reuniões. Reconhecem que na escola já foram desenvolvidos alguns projetos com a temática específica da Cultura Afro-Brasileira.

Ao questionar se as ações desenvolvidas no espaço da Educação Infantil contemplam os princípios norteadores da lei 10.639/03, três entrevistadas colocaram

que não contemplam totalmente, pois, os projetos abrangem a diversidade de forma geral e reconhecem que existem práticas e experiências de alguns profissionais. Duas entrevistadas dizem que sim, as ações contemplam e visam sempre a valorização da cultura africana na formação da sociedade brasileira.

Porém, uma das professoras relata que apesar da lei tratar da obrigatoriedade do tema apenas no Ensino Fundamental e Médio, os profissionais da Educação Infantil da escola abordam o tema de acordo com as especificidades da faixa etária que atendem. Entretanto, vale ressaltar que a lei 10.639/03 vem contemplar toda Educação Básica e a Educação Infantil está contida nela. Sendo a Educação Infantil a primeira etapa da Educação Básica é obrigatório e de suma importância que a temática seja sim, contextualizada e discutida desde os primeiros anos escolares da criança.

Em uma das questões, as entrevistadas foram indagadas se existe uma receptividade em relação ao tema e a lei 10.639/03, quatro responderam que o tema é tratado com tranquilidade e tem boa receptividade, duas concordam com tal afirmação, mas reconhecem que é preciso avançar pedagogicamente na questão e que tal temática requer atividades mais elaboradas.

Em uma das questões foi pedido que identificassem, descrevessem e analisassem as percepções elaboradas pelas educadoras e professoras referente à institucionalização da obrigatoriedade de inserção da história da África e da cultura afro-brasileira no currículo escolar.

Todas percebem que é interessante que a temática comece a ser discutida desde a infância, porém uma das entrevistadas acredita que não há necessidade de se colocar tal temática como obrigatoriedade, visto que muitas coisas já são trabalhadas nas escolas.

Ambas entendem que é necessário obter avanços na Educação Infantil e duas reconhecem que a temática tem surgido no cotidiano de forma convidativa e que discussões e avanços precisam acontecer para que a lei se torne compromisso curricular, pelo menos, na Educação Infantil.

Silva (2005) nos fala da responsabilidade enquanto formador, de trabalhar questões que retratam a história e a contribuição da nação negra em nosso país.

O currículo escolar deve contemplar a história de pessoas que representam a escola brasileira, se opondo ao currículo oculto que ainda faz parte de nossas

instituições educacionais como forma de dar significado aos reais personagens de nossa escola. É preciso repensar os currículos e rever posições sobre o que abordamos ao dia a dia. “[...] por meio de um currículo que leve o aluno a conhecer suas origens e a reconhecer-se como povo brasileiro”. (MOURA apud MUNANGA, 2005, p.69).

Em uma das indagações foi pedido que educadoras e professoras, assim como a coordenação entrevistada citassem dois aspectos existentes na escola onde lecionam que favoreciam o trabalho em torno da promoção da igualdade étnico racial nas escolas. Todas disseram que a materialidade como livros, CDs, vídeos e bonecos além de um rico acervo de livros para o professor contribuem para o trabalho e o enriquecimento dos projetos.

A acessibilidade ao material é prática e disponibilizado para todas e existe uma boa receptividade em lidar com o tema e os trabalhos que são discutidos no espaço. Em sequência foi pedido também, que ambas citassem dois aspectos que desfavoreceriam o estudo da temática na escola onde lecionam. Três das entrevistadas não perceberam nenhuma dificuldade para trabalhar com a lei, duas identificaram que o tempo escolar e a rotina da Educação Infantil desfavorecem o trabalho com as relações étnico-raciais, história da África e cultura afro-brasileira. Uma das professoras não quis responder tal questão.

Em relação à materialidade, todas as professoras e educadoras reconheceram que a escola é rica em um acervo que a PBH disponibiliza para as escolas e que é de grande importância.

Ao reconhecer o trabalho com a lei e as ações desenvolvidas no espaço da pesquisa foi colocado para que as seis participantes do trabalho respondessem ao final do trabalho com a caixa literária, quais as iniciativas existentes até então que viabilizavam a implementação da lei 10.639/03. Cinco entrevistadas responderam que por meio de roda de conversa com as crianças, projetos específicos em cada turma e nas vivências do cotidiano, apresentações diversas, teatro, músicas e materiais relativos ao tema contribuem e são ações que já existem na escola. Uma das educadoras optou em não responder.

Percebe-se que na escola as questões tiveram uma boa receptividade por parte das entrevistadas. E a escola como um espaço formador na qual ela reconhece ser, deve priorizar oportunidades de debates diálogos e atividades que



privilegiem o desenvolvimento sobre as formas em que as africanidades se constituem em nossa sociedade. É válido o buscar deste conhecimento e o fazer pedagógico se torna mais consciente, na medida em que experiências vão surgindo na escola de Educação Infantil.

## 10. AVALIAÇÃO

Ao desenvolver a proposta de trabalho nas salas foi possível perceber grande receptividade por parte dos professores. Porém, notou-se também, que alguns aprofundaram mais o interesse em explorar a caixa literária. Mesmo com uma diversidade de livros, o que mais chamou a atenção eram mesmo os livros já conhecidos. A Bonequinha Preta, O cabelo de Lelê e a Menina Bonita do Laço de fita foram os mais escolhidos pelas professoras. Talvez pelo fato de serem histórias tradicionais que já visitam as salas de Educação Infantil e são de fácil compreensão das crianças. Dentre as 6 professoras entrevistadas, todas exploraram a caixa e permitiram que as crianças tivessem contato com todos os livros. Ambas aceitaram o projeto, mas apenas uma recebeu a caixa sem a apresentação das crianças da sala de 5 anos que escolheram os livros para compor o projeto. No momento em que as crianças da turma do sapo levavam a caixa ela por duas vezes adiou o recebimento alegando não ser uma boa hora para recebê-la. Enfim em uma das visitas a turma do sapo entregou-lhe a caixa, mas não foi possível registrar alguns momentos com fotos e fazer a apresentação do projeto.

A cada dois dias os alunos da turma do Sapo, levavam a caixa para sala escolhida e assim, apresentavam a proposta, mostravam desenhos, contavam dos livros que mais gostaram e que escolheram além do passeio na igreja São Francisco de Assis, na Pampulha.

A entrevista aplicada a cada professora que participou do plano na escola, foi de suma importância, pois confirmou as expectativas e as indagações citadas no início do plano.

Segundo Gomes (2002), aos poucos, os professores estão compreendendo que a questão étnico-racial deve ser discutida não só nos movimentos sociais ou no movimento negro esta questão, também, deve ser levantada nas escolas. Porém, devido à cultura no qual aprendemos e fomos educados faz com que em determinados espaços escolares o professor sinta insegurança em tratar de um assunto que tanto tem haver com o nosso país e com nossa cultura. Negar a existência de conflitos e pensar que todos nós aceitamos a diversidade de braços

abertos é uma forma de negar a presença das maiorias que povoam as salas e os pátios das escolas.

“Aos poucos, os educadores e as educadoras vão compreendendo que a questão racial diz respeito a todos nós, independente do nosso pertencimento étnico racial.” (GOMES, 2002, p.6).

Ao final da pesquisa foi proposto que reflexões, propostas, críticas e sugestões fossem registradas no sentido de contribuir para o bom desenvolvimento da pesquisa. Duas professoras acharam que as sugestões foram positivas e válidas. A proposta na qual foi apresentada e que a pesquisa fizeram-nas refletir sobre a prática de como a temática estava sendo desenvolvida.

Apesar de reconhecerem que o trabalho ainda germina como uma semente, as professoras obtiveram boa impressão do plano apresentado e compreenderam que a ação é apenas uma das formas de se desenvolver o trabalho com crianças na Educação Infantil. As demais não deixaram sugestões e optaram por não responder tal questão.

O questionário findou com a proposta de que cada uma das entrevistadas deixassem ideias, reflexões, propostas, críticas e sugestões na qual elas gostariam de ressaltar no sentido de contribuir para o desenvolvimento do plano de ação aplicado na escola. Quatro das seis professoras e educadoras que participaram do trabalho optaram em não responder deixando em branco tal questão. Duas das entrevistadas e que também participaram do plano desenvolvido na escola deixaram sua contribuição parabenizando o trabalho desenvolvido na instituição. Optaram por dizer que o trabalho desenvolvido com a caixa literária foi de suma importância, pois contribuiu como pesquisa e as fizeram refletir sobre a prática em relação à cultura afro-brasileira e a história da África.

O Plano de ação foi uma iniciativa para pensar na relação do negro em nossa escola, em especial da Educação Infantil, de forma efetiva e presencial no cotidiano. Munanga (2005) vem por meio de uma vasta linha de pesquisa e estudo nos alertar para o grande despertar da consciência de nossa realidade, os instrumentos de trabalho no qual utilizamos em nosso dia-a-dia, ou seja, os livros e outros materiais didáticos, visuais e audiovisuais trazem ainda conteúdos de cunho preconceituosos. Cabe aos professores adquirirem conhecimento para desenvolver um olhar crítico sobre a materialidade existente nas escolas.

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também, aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca. (MUNANGA, 2005, p.16).

Segundo Silva (2005) existem diversas formas de se trabalhar com a temática da lei 10.639/03. É possível solicitar à criança que descreva outras atividades exercidas pelas mulheres e homens negros que constituem em sua família, que moram em sua rua. A presença da criança negra nos livros pode ser mostrada a turma de forma que descreva situações cotidianas tão próximas das quais vivemos. Sensibilizar-se para que a criança negra se reconheça na literatura é tão importante quanto as fábulas e os contos de fadas presentes no universo infantil. Através da apropriação do simbólico, a criança representa fantasia e internaliza o que aprende. Ela faz associações e em uma leitura direta de imagens, histórias e vivência se apropria delas.

Os alunos demonstraram interesse e curiosidade pelos livros e quisera muitas vezes conhecer até mais de uma história. Tiveram um momento para apreciação de todos eles em sala e nas rodas de conversa disseram o que gostaram e o que não gostaram nos livros. Muitos relataram que queriam ficar mais tempo com a caixa para conhecerem outros livros. A participação dos mesmos foi positiva e todos disseram gostar de criar desenhos e pinturas com os temas das histórias. E no momento da roda de conversa a temática era explorada pelas professoras e educadoras que puderam também, buscar mais conhecimento e informação para conversar com as crianças da educação infantil.

Os trabalhos e atividades criados foram expostos no centro cultural Barreiro para que toda comunidade e outras escolas pudessem apreciá-lo. A caixa foi muito bem recebida e será novamente integrada ao trabalho em 2012 para que a proposta com a temática seja conhecida através dos livros e incentive as surgir outras formas de expressões.

Todavia, é um desafio desenvolver, na escola, novos espaços pedagógicos que propiciem o valor das diversas identidades que compõem a identidade do povo brasileiro.

## 11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar os estudos no Lato Sensu em Docência na Educação Básica (LASEB) na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e o plano de ação desenvolvido na escola de educação infantil iniciei um processo de reelaboração de minhas próprias concepções a respeito do tratamento das relações raciais.

Compreendi que existem formas de interpretar a resistência e como tratar a questão. Aprendi que o silêncio, o não querer abordar tal tema, é uma forma de contribuição a postura racista e de discriminação montada em nossa sociedade. Foi possível também perceber que é preciso, ainda vencer muitas barreiras. São inúmeros os silêncios, mas mesmo com a dificuldade em que muitos professores tem em tratar a questão do racismo e o papel do negro na sociedade e no espaço escolar é possível observar avanços. Existem posições e ações, mesmo que ainda tímidas. Posições contra qualquer tipo de racismo ou discriminação.

Porém, é necessária a ampliação do debate sobre a lei 10.639/03 e sobre as relações raciais para que os professores tenham a oportunidade de refletir sobre a temática, sobre a realidade social e sobre a política no país. A ação desenvolvida na escola Municipal de Educação Infantil na região do Barreiro contribuiu para que todos envolvidos no projeto, desde as professoras e crianças aprendessem um pouco mais sobre a cultura afro-brasileira e as diversas formas de africanidades descritas através da literatura. Na Educação Infantil foi possível perceber como a questão da identidade pode ser utilizada para falar com os alunos sobre características singulares de cada um que devem ser valorizadas.

Houve aprendizado por parte das crianças, por parte das professoras e educadoras e por minha parte que tanto procurei buscar na pesquisa as respostas para indagações que até então, sem o olhar pesquisador não haviam sido feitas.

O curso de Especialização do LASEB sobre a temática das Relações Raciais veio contribuir para que a ação na escola de educação infantil pudesse ser mais efetiva e de forma consciente para atender as exigências da lei 10.639/03. Não somente atender as exigências, mas de refletir sobre situações, histórias, sobre a presença negra no nosso país, suas contribuições na cultura, na literatura e na arte.

Entretanto, é de suma importância a efetivação de políticas públicas de formação de professores para o trato da questão racial. A escola é um espaço diverso e sabemos que nós profissionais da educação sempre iremos nos depararmos com as semelhanças e singularidades que compõe este espaço. As relações étnico-raciais devem ir além das datas comemorativas e significativas, além das festas e deixar de ser apenas uma temática. Deve ser reconhecida como uma questão que deve ser relacionada às vivências e práticas educativas.

Ao buscar conhecimento sobre a lei 10.639/03 é compreensível entender que reconhecendo a história do negro nos depararemos com conflitos, resistências históricas, confrontos e desigualdades. Compreender as diferenças sob o olhar histórico das relações sociais e reconhecer as estratégias políticas de ações afirmativas nos faz enxergar a posição que devemos assumir na escola e na sociedade contra qualquer forma de discriminação.

Além de nos perguntarmos como inserir a questão no currículo escolar, dar significado a partir da vivência dos alunos é necessário indagarmos, qual proposta a escola legitima no espaço escolar. Refletir se o projeto político pedagógico contempla ações que privilegiam o reconhecimento da diversidade através da construção de propostas que venham surgir do coletivo. Essas e outras questões ampliam a discussão para novas pesquisas, novos debates e novos desafios.

As estratégias e atividades voltadas para o desenvolvimento das relações étnico raciais devem surgir através do interesse por parte do educador em assumir uma postura crítica de pesquisador. É necessário que busquemos entender as formas de construção e internalização dos saberes sociais e culturais.

Desenvolver a percepção das crianças com singularidades, observando as diferenciações culturais e as questões étnico-raciais são necessárias.

Contudo, mesmo reconhecendo a questão das relações étnico-raciais como desafio, a lei 10.639/03 exige de todos nós que compomos juntamente com os alunos este espaço da escola, uma posição, uma postura que saiba reconhecer e valorizar não só as semelhanças, mas também as diferenças. Somente assim a escola assumirá o caráter democrático que tanto almeja.

## 12. REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa (Coord.) **Diferenças e preconceito na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Sumus, 1998. 215p.

ARREGUY, Cintia Aparecida Chagas; RIBEIRO, Raphael Rajão. **Histórias de bairros de Belo Horizonte**: regional Barreiro. Belo Horizonte: ACPBH; ACAP-BH, 2008. 62p.

BELO HORIZONTE. Prefeitura. Secretaria Municipal de Educação. **Desafios da Formação**: [Proposições Curriculares; Ensino Fundamental; Textos Introdutórios; Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte]. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Educação, 2010. 52p.

BOFF, LEONARDO. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. 206p.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dezembro 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 16 jun. 2012.

BRASIL. Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 10 janeiro 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm)>. Acesso em: 26 jun. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 1. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf)>. Acesso em: 29 jun. 2012.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer n. 003/2004**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp\\_003.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf)> Acesso em: 16 jun. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e ações para a Educação das Relações Étnico Raciais**, Brasília: SECAD, 2010. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes\\_etnicoraciais.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf)>. Acesso em: 24 jun. 2012.

CAVALLEIRO, Elaine dos Santos. **Do silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003. 110p.

CAVALLEIRO, Elaine. **Formação de professores e diversidade étnico cultural: relatório de pesquisa**. Belo Horizonte: UFMG, 1997. Mimeografado.

CAVALLEIRO, Elaine. (Org.) **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. 5.ed. São Paulo: Summus, 2001. 216p.

DAYRELL, Juarez (Org.) **Múltiplos Olhares sobre a cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. 193p.

FERNANDES, Florestan. **O significado do protesto negro**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989. 111p. (Polêmicas do nosso tempo, 33).

GOMES, Nilma Lino. Por uma cidadania multicultural. **Presença Pedagógica**, CIDADE, n. 84, p. 5-12, Nov./Dez., 2008. Entrevista concedida a revista Presença Pedagógica.

GOMES, Nilma Lino (Org.) **Tempos de lutas: as Ações Afirmativas no contexto brasileiro**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - Secad, 2006. 119p.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves (Orgs.) **Experiências étnico culturais para formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 156p.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações**. São Paulo: Global, 2009. 109p.

MUNANGA, Kabengele (Org.) **Superando o racismo na escola**. 2.ed. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil hoje: histórias, realidade, problemas e caminhos**. São Paulo: Global, 2004. 253p. (Coleção Viver e Aprender).

SILVA, Lopes José Maria. **As artes e a diversidade Étnico Cultural na Escola Básica**. Brasília: [s.n.], 2005. 204p.

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância. Disponível em: <<http://www.unicef.org.br/>>. Acesso em: 27 jun. 2012.



**APÊNDICE – QUESTIONÁRIO SOBRE A LEI 10.639/03 E A EDUCAÇÃO DAS  
RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS NO ESPAÇO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL:**

01) Perfil do(a) entrevistado(a)

Identificação:

a) Idade: \_\_\_\_\_ b) sexo: \_\_\_\_\_

c) Tempo de docência: \_\_\_\_\_

d) Etapa da Educação no qual leciona: \_\_\_\_\_

e) Conforme o critério do IBGE, qual é sua cor?

( ) Branca ( ) Preta ( ) Indígena

( ) Parda ( ) Amarela ( ) Não sabe

Outras( especificar) \_\_\_\_\_

f) Qual o seu nível de escolaridade completo?

( ) Fundamental incompleto

( ) Fundamental completo

( ) Ensino médio incompleto

( ) Ensino médio completo

( ) Ensino superior completo

( ) Ensino superior incompleto

( ) Pós-graduado(a)

02) Em sua escola há projeto político pedagógico(PPP)? Em caso afirmativo, como ele foi construído e qual seu eixo central?

03) Em sua escola há algum movimento de inclusão da temática, história da África, cultura afro-brasileira e discussão sobre as relações étnico raciais em sala de aula?  
Sim? Não? Justifique sua resposta:

04) Em caso afirmativo sobre a inclusão da questão número 3, é possível dizer que esta inclusão se faz de modo a contemplar os princípios norteadores da Lei10.639/03?

05) Descreva e analise como você percebe a receptividade dos(as) diversos(as) professores de sua escola, no que se refere à inclusão de história da África e cultura afro-brasileira no currículo escolar.

06) Identifique, descreva e analise as percepções elaboradas pelos(as) professores(as) referentes a institucionalização da obrigatoriedade de inserção de história da África e cultura afro-brasileira no currículo escolar.

07) Cite dois aspectos existentes na sua escola que favoreçam o trabalho em torno da promoção da igualdade étnico racial?

08) Cite dois aspectos que desfavoreçam o trabalho em torno da promoção da igualdade étnico racial ?

09) No que se refere às práticas pedagógicas de sala de aula, quais tem sido as iniciativas para viabilizar a implementação do decreto 10.639/03?

10) Na sua escola existem materiais didáticos que abordem a diversidade racial e cultural entre as pessoas?

( ) Sim ( ) Não

11) Quais reflexões, ideias, propostas, críticas e sugestões você gostaria de registrar no sentido de contribuir para o desenvolvimento dessa pesquisa e do plano de ação aplicado na escola?

## ANEXO A - FOTOS



Alunos da turma do Sapo de 5 anos.



Atividades desenvolvidas.



Atividades desenvolvidas.



Atividades desenvolvidas.



Exposição de atividades.



Exposição de atividades.



Autorretrato



Atividade com o livro  
O Cabelo de Lelê



Atividade com o livro:  
O Cabelo de Lelé



Atividade com o livro:  
O Cabelo de Lelé.



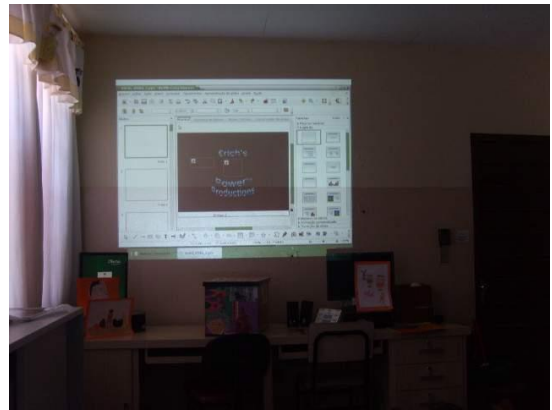
Atividade das turmas sobre  
a Bonequinha Preta.



Autorretrato dos alunos.



Vídeo na biblioteca para todas as turmas.



Vídeo na biblioteca para todas as turmas.



Imagens da África.



Confecção do autorretrato.



Atividade de registro.



Exploração dos livros pelas turmas.



Alunos escolhendo os livros para a caixa.



Registro das atividades.



Alunos da turma do Sapo.



Atividade com caixa literária em sala.



Professoras participantes do projeto.



Visita à igreja São Francisco de Assis, na Pampulha.



## ANEXO B – REFERÊNCIAS DOS LIVROS LITERÁRIOS

ACEDO, Rosane; ARANHA, Cecília. **Encontro com Portinari**. Belo Horizonte: Formato, 2001.

ALMEIDA, Gercilga de. **Bruna e a galinha da Angola**. Rio de Janeiro: Pallas; Editora Didática, 2003. 24p.

AUGUSTONI, Prisca. **O colecionador de pedras**. São Paulo: Paulinas, 2007.

BARBIERI, Stela. **Bumba meu Boi**. São Paulo: Girafinha, 2007.

BARBOSA, Rogério Andrade. **Histórias Africanas para contar e recontar**. São Paulo: Editora do Brasil, 2001. 47p.

BARBOSA, Rogério Andrade. **Os gêmeos do tambor**. São Paulo: DLC, 2006.

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelé**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007. 29p.

BRANDÃO, Toni. **A preferida do Rei**. São Paulo: Melhoramentos, 2009. (Coleção Afro-brasileira) 31p.

BRENMAN, Ilan. **O que os meninos fazem. O que as meninas fazem**. São Paulo: Callis, 2009.

CHAMBERLIN, Mary; CHAMBERLIN, Rich. **As panquecas de mama Panya**. São Paulo: SM, 2005. (Cantos do Mundo)

COOKE, Trish. **Tanto, tanto!** São Paulo: Giramundo, 2005.

COSTA, Madu. **Meninas negras**. Belo Horizonte: Mazza, 2005.

COSTELA, Alason. **Uma roda um arco-íris, camará**. Belo Horizonte: Nandyala: 2009.

DALY, Niki. **Cadê você Jamela?** São Paulo: Mazza, 2009.

EVARISTO, Mara Catarina. Livro do professor. Belo Horizonte: Mazza, 2006. 32p.

GASPAR, Eneida. **Falando Banto**. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

GOMES, Lino Nilma. **Betina**. Belo Horizonte: Mazza, 2009. 24p.

KINDERSLEY, Anabel. Barnabas. **Crianças como você**. Unicef. São Paulo: Ática, 2008.

LIMA, Heloisa Pires. **A semente que veio da África**. São Paulo: Salamandra, 2005.

- LIMA, Renato. **Chico Rei**. São Paulo: Paulus, 2006.
- MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de fita**. São Paulo: Ática, 2003. 24p.
- MACHADO, Ana Maria. **Portinholas**. Desenhos e pinturas de Cândido Portinari. São Paulo: Mercuryo Jovem, 2003. 44p.
- RODRIGUES, Martha. **A princesa e o vento**. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
- MATÉ. **Krokô e galinhola**. São Paulo: Brinque Book, 2008.
- MILWAY, Katie Smith. **De grão em grão o sucesso vem na mão**. Unicef. São Paulo: Melhoramentos, 2008.
- OLIVEIRA, Alaíde Lisboa. **A bonequinha preta**. Belo horizonte: Editora Lê, 2004. 39p.
- PATERNIO, Semíaramis. **A cor da vida**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1997. 21p.
- RIBEIRO, Ney. **De todas as cores**. Campinas: Roda e Cia, 2005.
- ROCHAEL, Denise. **Num pedacinho do Brasil**. Belo Horizonte: Santa Clara, 2000.
- RODRIGUES, Martha. **Que cor é minha cor?** Belo Horizonte: Mazza: 2006.
- RUMFORD, James. **Chuva de Manga**. São Paulo: Brinque Book, 2005.
- SANTA ROSA, Nereide S. **Cândido Portinari**. São Paulo: Moderna, 1999. (Coleção mestres das artes no Brasil) 32p.
- SANTOS, Joel Rufino. **O presente de Ossanha**. São Paulo: Global, 2006. 14p.
- SELLIER, Marie. **África, meu pequeno Chaka**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2006. [40p.]
- SISTO, Celso. **O casamento da Princesa**. São Paulo: Prumo, 2009. 31p.
- VILELA, Fernando; BARBIERI, Stella. **A menina do feijão succulento**. São Paulo: Escala Educacional, 2008.